

# A PROFISSÃO DOCENTE DA ERA ANALÓGICA À ERA DIGITAL



Centro de Artes, Humanidades e Letras - UFRB



EMANOEL LUÍS ROQUE SOARES

**INSTITUIÇÃO:****Associação Internacional de Pesquisa na Graduação em Pedagogia – AINPGP****DIRETORIA**

Prof. Dr. Marcelo Pustilnik Vieira - UFSM (Presidente)  
Acad. Kaliene Batista Ferreira - URCA (Vice-Presidente)  
Profa. Maria Luzirene Oliveira do Nascimento EB/CE (Primeiro Secretário)  
Acad. Romário Cícero da Silva Abreu - UFCG (Suplente de Secretário)  
Profª. Drª. Francicleide Cesário de Oliveira - UERN (Primeira Tesoureira)  
Profa. Dra. Disneylandia Maria Ribeiro - UERN (Segunda Tesoureira)

**CONSELHO EDITORIAL (NACIONAL E INTERNACIONAL)**

Prof. Dr. Afonso Welliton de Sousa Nascimento (UFPA)  
Prof. Dr. Allan Solano Souza (UERN)  
Prof. Dr. Alexandre Augusto Cals de Souza (UFPA)  
Prof. Dr. Benedito Gonçalves Eugênio (UESB)  
Prof. Dr. Bertulino José de Souza (UERN)  
Profa. Dra. Ciclene Alves da Silva (UERN)  
Profa. Dra. Cristiane Maria Nepomuceno (UEPB)  
Profa. Dra. Diana Paula de Souza Rego Pinto Carvalho (UERN)  
Prof. Dr. Eduardo Jorge Lopes da Silva (UFPB)  
Prof. Dr. Ernano Arraias Junior (UFERSA)  
Prof. Dr. Fernando Gil Villa (USAL y ABS-USAL/España)  
Profa. Dra. Franselma Fernandes de Figueirêdo (UFERSA)  
Profa. Dra. Francileide Batista de Almeida Vieira (UFRN)  
Prof. Dr. Giann Mendes Ribeiro (UERN)  
Prof. Dr. Gilton Sampaio de Souza (UERN/FAPERN)  
Prof. Dr. Gladson Francisco Barros de Oliveira (UFERSA)  
Profa. Dra. Kássia Mota de Sousa (UFCG)  
Profa. Dra. Maria da Paz Cavalcante (UERN)  
Profa. Dra. Maria Eliete de Queiroz (UERN)  
Profa. Dra. Ivana de Oliveira Gomes e Silva (UFPA)  
Prof. Dr. Ivanildo Oliveira dos Santos (UERN)  
Prof. Dr. José Amiraldo Alves da Silva (UFCG)  
Profa. Dra. Lidiane de Moraes Diógenes Bezerra (UERN)  
Prof. Me. Luís Filipe Rodrigues (Universidade de Santiago/Cabo Verde)  
Prof. Dr. Luís Tomás Domingos (Moçambique/UNILAB/Brasil)  
Prof. Dr. Marcelo Vieira Pustilnik (UFSM)  
Profa. Dra. Maria do Socorro Maia F. Barbosa (UERN)  
Prof. Dr. Miguel Henrique da Cunha Filho (UERN)  
Profa. Dra. Racquel Valério Martins (ABS-USAL/España)  
Prof. Dr. Renato Alves Vieira de Melo (ABS-USAL/ Espanha)  
Prof. Dr. Rosalvo Nobre Carneiro (UERN)  
Profa. Dra. Sandra Meza Fernández (Universidade do Chile/Chile)  
Profa. Dra. Soraya Maria Barros de Almeida Brandão (UEPB)  
Profa. Dra. Simone Cabral Marinho dos Santos (UERN)

A compilação de responsabilidade assumida pelos autores foi validada pelo processo de revisão fechada por pares, ou seja, os manuscritos científicos passaram pelo crivo avaliativo do CONSELHO EDITORIAL, a fim de garantir a credibilidade da produção, já que a AINPGP, por seu comprometimento com os conteúdos da ciência, toma por preceito ético o atendimento das normas para publicação determinadas pela CAPES.

Copyright da obra é dos autores

Copyright dessa edição: Edições AINPGP

[www.ainpgp.org](http://www.ainpgp.org)

email: contato@ainpgp.org

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S676p

Soares, Emanoel Luís Roque

A profissão docente da era analógica à era digital [recurso eletrônico]. /  
Emanoel Luís Roque Soares. Pau dos Ferros: Editora AINPGP, 2025.

76 p.

ISBN: 978-65-87527-49-9

1. Educação. 2. Ensino. 3. Profissão docente. 4. Era digital. I. Soares, Emanoel  
Luís Roque. II. Título.

Bibliotecária: Francismeiry Gomes de Oliveira CRB 15/869

A publicação deste livro, em formato de e-book, contou com o apoio da Edições AINPGP de incentivo à publicação de trabalhos acadêmicos da Associação Internacional de Pesquisa na Graduação em Pedagogia (AINPGP). A AINPGP tem como objetivo estimular a produção do saber, através da difusão e utilização de resultados de pesquisas realizadas no campo da educação e áreas afins, mediante negociações e intercâmbios com educadores/as, comunidades e instituições interessadas. Faz parte das ações voltadas ao incentivo da produção do conhecimento na graduação e pós-graduação, planejadas pela AINPGP.

Emanoel Luís Roque Soares

A PROFISSÃO DOCENTE  
DA ERA ANALÓGICA À ERA DIGITAL

1<sup>a</sup> Edição

Feira de Santana - BA  
2025

Copyright © Emanoel Luís Roque Soares, 2024.

# A PROFISSÃO DOCENTE DA ERA ANALÓGICA À ERA DIGITAL

## Português - Brasil

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desse livro poderá ser reproduzida ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia, gravação ou qualquer registro informático sem autorização escrita do autor.

**1ª Edição**

**Revisão:**

Andre Luís Machado Galvão

**Diagramação:**

Wellington Santana

Gabriel Santana

# **A PROFISSÃO DOCENTE DA ERA ANALÓGICA À ERA DIGITAL**

Memorial acadêmico apresentado à Universidade Federal do Recôncavo da Bahia como parte dos requisitos para promoção à classe de Professor Titular do Centro de Formação de Professores

## **BANCA EXAMINADORA:**

Prof. Titular Dr. Antônio Liberac Cardoso Simões Pires – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – (UFRB) – Presidente

Prof. Titular Dr. Charliton José dos Santos Machado – Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Prof.<sup>a</sup> Titular Dr<sup>a</sup>. Maria Cecilia de Paula Silva – Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Prof. Titular Dr. José Gerardo Vasconcelos – Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof.<sup>a</sup> Titular Dr<sup>a</sup>. Ercília Maria Braga de Olinda – Universidade Federal do Ceará (UFC) - suplente externa

Prof. Titular Dr. Djeissom Silva Ribeiro – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) - suplente interno

# SUMÁRIO

<b>ANTELÓQUIO .....</b>	<b>9</b>
<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>15</b>
<b>O PRIMEIRO GRAU.....</b>	<b>17</b>
<b>O SEGUNDO GRAU.....</b>	<b>21</b>
<b>PRIMEIRA ENTRADA NA UNIVERSIDADE .....</b>	<b>27</b>
<b>APÓS A DEMISSÃO .....</b>	<b>35</b>
<b>SEGUNDA ENTRADA NA UNIVERSIDADE .....</b>	<b>37</b>
<b>A UFRB ANTES DE TOMAR POSSE .....</b>	<b>47</b>
<b>UFRB DEPOIS DA POSSE .....</b>	<b>53</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>75</b>



## ANTELÓQUIO

Antes de começar minha explanação, tentarei esclarecer alguns mínimos princípios conceituais sobre o conhecimento e a memória, que vão nortear esta minha escrita, e assim gostaria de lembrar de que somos filhos da idade moderna, ou melhor, filhos da era dos discursos, para os quais o conhecimento é proposicional e se dá sobre as coisas e no sentido estrito da palavra. O conhecimento é, na nossa época atual, uma ideia que está dentro de minha cabeça, sobre uma determinada coisa e para eu mostrar que a conheço, tenho que fazer um discurso sobre ela e ao fazê-lo sou obrigado a descrevê-la em forma textual.

Nada disto é na realidade surpreendente, pois o modelo é em si a expressão da predisposição generalizada da moderna cultura letrada para definir conhecimento em termos fraseológicos, isto é, definir conhecimento em termo de declarações expressas como linguagem, ou como proposições, numa qualquer notação lógica e científica (Fentress; Wickham, 1992, p. 15).

Dessa maneira, o conhecimento, quando propositadamente exposto em forma textual, torna-se algo objetivo e verdadeiro, independente das subjetividades das pessoas. A desvantagem de tal doutrina virá à tona à medida que compararmos este tipo de conhecimento com a memória, uma vez que esta não é um dado objetivo, e sim um estado de espírito, de certa forma mais amplo que o conhecimento, pois posso fazer de minhas lembranças tanto um conhecimento objetivo, como também

posso lembrar-me daquilo que não conheço, e, ainda, através dela posso conhecer coisas das quais não me recordo, o que torna a conhecer e recordar coisas distintas. Além de a memória ser sempre pessoal, uma vez que, mesmo quando descrevo a alguém minhas memórias, elas continuam sendo minhas, ela penetra em todos os aspectos de nossas vidas, dos mais abstratos aos mais palpáveis, além de ser independente, o que faz com que lembremos, às vezes, de uma coisa distante ou separada de nossa realidade, que não nos pertença, e ainda, se não bastasse, se a comparássemos aos textos que são separados uns dos outros, a nossa memória levaria certa vantagem, uma vez que nela tal separação só se dá no espírito e de uma forma mental, o que torna recordar diferente de fazer uma crítica ou um estudo de um texto. No primeiro caso, acontece um encadeamento de memórias que são capazes de serem utilizadas como fonte, à medida que fazemos articulação sua com a palavra, já no segundo caso, onde não existe uma interação de consciência e acontece somente a impressão do crítico sobre o texto sem a interação, sem o envio de mensagem do leitor para o texto.

Retornar ao tempo em busca de lembranças e saudades de um passado pouco distante é impossível de ser descrito com precisão, uma vez que nossa memória individual, sendo seletiva, esquece de alguns fatos e dá ênfase a outros, e sendo assim, o que interessa é o conjunto de memórias individuais na construção da memória social, pois seria quase impossível um esquecimento coletivo total.

Para Maria Cellia Paoli, a condição principal “essencial e fundante” que possibilita a democracia é a constituição de um domínio público, tal domínio público só pode ser construído através de situações conflitantes, do embate, da luta coletiva e

da memória social, que é resultado de cada memória individual. A própria Paoli pergunta se é possível tal domínio numa sociedade marcada pelas ditaduras, populismos, privilégios, impunidades, desigualdades que não levam em conta as reivindicações do coletivo e além de tudo com uma política que não tem como foco o social. E ela mesma responde que a solução é interrogar menos o estado, passando esta interrogação para as dificuldades de constituir um domínio público, e este domínio depende da experiência coletiva e da memória de cada um.

A memória de algo é a lembrança do vivido, pois é a memória individual que é a consciência do vivido coletivamente, tornando assim o agrupamento de memórias individuais um fato social.

É rememorar esses fatos a tarefa que se apropria do meu ser, quando neste presente momento me lanço na empreitada de construir um memorial onde fique evidente tudo aquilo que me fez adentrar a academia, quer dizer, que salte aos olhos do leitor a minha atuação política no cotidiano e no movimento sindical de petroleiros (PETROBRAS), que se confunde com a minha própria vida, pois é o conjunto dessas minhas ações unidas com a minha atuação no movimento estudantil, na antiga Escola Técnica Federal da Bahia (hoje Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia da Bahia), na Universidade do Estado da Bahia – UNEB e na Universidade Católica do Salvador – UCSAL. Como profissional, no trabalho em ONGS, como o Projeto IBÊJI para crianças em situação de risco social, depois na Fundação do Adolescente e da Criança do Estado da Bahia – FUNDAC, que é um exemplo de política pública implantada a partir de pressão das ONGS, e posteriormente, a participação no Projeto Axé de Defesa e proteção à Criança e ao Adolescente

e na Comissão de Justiça e Paz da Arquidiocese de Salvador – CJP, além de ser professor substituto na UFBA (curso de filosofia) e na UNEB/ Campus de Santo Antônio de Jesus-BA (curso de Geografia), compondo a linha historial que me conduziu e perpassou da especialização, mestrado e o doutorado em educação e pós-doutorados, lançando-me para adiante. Por isto posso afirmar que se não fosse a política não teria chegado à filosofia, à educação e à vida acadêmica, consequentemente, a uma participação social, com uma qualidade diferenciada, pois tais participações são sínteses do *polítikos* que somos, diria Aristóteles: *aquele homem que não for político é um Deus, pois está acima de tudo ou de todos ou um besta, pois não raciocina, não tem desejos, nem senso de justiça.* Desta forma, provar que sou ou fui político é uma tautologia, mesmo quando evitava as ações políticas, político estava sendo e através da política construindo um caminho acadêmico.

Neste memorial fotografias serão importantes, pois quando investigamos o passado podemos comprovar (metodologia que já usei em pesquisas anteriores) como imagens e memórias se complementam para elucidações dos fatos autobiográficos, históricos e pesquisas em geral, quando temos a oportunidade de confrontarmos os fatos com fotos, filmes ou imagens com lembranças, falas de entrevistas e outros dados de pesquisa, essas contribuem para rememorarmos e afastarmos as dúvidas e vazios memoriais, formando, desta maneira, um significante crédito de verdade ao saber histórico e autobiográfico, capaz de dirimir dúvidas, esquecimentos e de confirmar fatos no fazer de uma escrita memorial consistente e crédula.

Em resumo, imagens nos permitem “imaginar”

o passado de forma mais vivida. Como sugerido pelo crítico Stephen Bann, nossa posição face a face com a imagem, nos coloca “face a face com a história” O uso de imagens, em diferentes períodos, como objetos de devoção ou meios de persuasão, de transmitir informação ou de oferecer prazer, permite-lhes testemunhar antigas formas de religião, de conhecimento, crença, deleite, etc. Embora os textos também ofereçam indícios valiosos, imagens constituem-se no melhor guia para poder de representações visuais na vida religiosa e política de culturas passadas (Burke, 2004, p. 17).



## INTRODUÇÃO

A tarefa de escrever um memorial acadêmico para progressão de professor titular na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia desenvolve-se a partir das memórias da minha vida pessoal, com a vida acadêmica, que hoje é digitalizada, e no começo era escrita manual e às vezes datilografada. Isso ainda se imbrica com a minha personalidade e as personalidades dos meus pais, irmãos, amigos e colegas de escola, trabalho e vizinhança, por isso, desde já começo a avisar aos leitores que esse embricamento vai acontecer por todo o texto.

Minha educação começa em casa. Minha mãe, Angelita Roque Soares, é professora, uma normalista formada no Instituto Central de Educação Isaias Alves (ICEIA) em Salvador-BA, e isso vai influenciar diretamente na minha formação, uma vez que a alfabetização começa em casa e as palavras da minha mãe reverberam até hoje na minha mente: “vai estudar, menino, pois preto e pobre só consegue algo na vida estudando”.

**Foto1: Formatura de normalista em 1952 aos 17 anos de idade, no ICEIA.**



Fonte: Acervo pessoal de Angelita Roque Soares (Mainha).

Logo após sua formatura, minha mãe passa no concurso para professora do Estado da Bahia e vai ensinar em Cachoeira-BA no distrito de Capoeiruçu, onde ela conhece meu pai, Seu Manuel Soares. Estou falando desse encontro para mostrar que trago Cachoeira e o Recôncavo no sangue e no coração, bem antes de eu ir estudar no nível superior e consequentemente em uma época em que nem se falava em Universidade naquela região do recôncavo baiano.

## O PRIMEIRO GRAU

**Foto 2: Foto clássica da época em que estudava no Santa Clara.**



Fonte: Arquivo pessoal.

Nascido em Salvador-BA, morando no bairro de Brotas, tenho como minha primeira escola formal denominada Curso Santa Clara, no bairro Acupe de Brotas, dirigida pela professora Clara Pinto Costa, colega de minha mãe. Nesse estabelecimento particular, tive como primeira professora Nazaré ou pró Naza, como era chamada por todos.

Fiz o exame de Admissão para ingressar no curso ginásial, que na época era um verdadeiro vestibular, uma seleção que mostrava e dava destaque para aqueles que eram aprovados. Lembro que, na época, minha mãe pagou banca (aulas extras) para melhorar minha formação, fui aprovado e passei a estudar

na primeira série do segundo grau no Colégio Estadual Luís Viana.

**Foto 3:** Frente do colégio Luís Viana.



Fonte: Jornal Correio da Bahia.

**Foto 4:** Escudo do colégio Luís Viana.



Fonte: Jornal Correio da Bahia.

Esse exame esteve em vigor até 1971, quando foi criado o programa escola integrada de oito anos com a Lei nº 5692/71, que acabou com o exame de admissão no ginásio e gerou um novo ensino de 1º grau obrigatório dos 7 aos 14 anos, desta forma cursei o primeiro e segundo anos (na lei antiga da admissão) e depois cursei o sétimo e oitavo anos instituídos na nova lei. Na sequência cheguei a cursar o primeiro ano básico (2º grau) no Luís Viana, repetindo esse primeiro ano básico na Escola Técnica Federal da Bahia.

Nessa época, minha mãe, Angelita, estava no seu segundo casamento com seu Ivo dos Santos Gois e além de ganhar um maravilhoso pai, ganhava seis irmãos, somados a minha querida irmã de criação Maria Francisca dos Santos (Chica), adotada por minha mãe antes do segundo casamento, agora éramos nove e nesse momento morávamos com minha avó Maria Roque dos Santos, que me criava com um dengo proveniente do amor de uma avó, que no dito popular é “mãe duas vezes”. Sendo assim, passei a conviver com uma grande família que me ensinou a dividir, a conviver e amar os outros diferentes. Meus novos irmãos: Ivani, Inês, Ivan, Ivanildes, Ivo e Jorge.

Meu pai Ivo, que trabalhava na Petrobras, havia estudado no período em que a Escola Técnica Federal da Bahia ficou mais conhecida como “Escola do Mingau”, pelo fato de servir alimentação. Ele acreditava que a formação técnica era um bom caminho para os filhos, uma coisa que minha mãe concordava, pela qualidade de ensino da escola e porque o curso profissionalizante era de proeminência salarial, uma vez que, na época, o polo petroquímico estava sendo implantado na Bahia, em um município próximo a Salvador (Camaçari), o que tornava a entrada nessa instituição um dos vestibulares mais concorridos do

Estado. Estudei muito, perdi no primeiro ano vestibular, insisti e passei no segundo.

**Foto 5: Meu pai Ivo e minha mãe Angelita no dia da formatura.**



Fonte: Arquivo de minha mãe.

## O SEGUNDO GRAU

Interessante é que na noite antes de fazer as provas da Escola Técnica pela segunda vez, minha Mãe acabava de se formar no curso de Pedagogia pela Faculdade de Educação Olga Meeting. Dessa maneira, podemos ver que educação e academia sempre estavam presentes em minha vida, de maneira que o caminho se estendia a minha frente e tornava-se somente uma questão temporal a caminhada.

Foto 6: Prédio ETFBA e escudo.



### Escola Técnica Federal da Bahia

Fonte: Bahia Histórica – fatos e fotos (Facebook).

Foto 7: Crachá da ETFBA.



Fonte: Arquivo pessoal.

Na Escola Técnica voltei a cursar o primeiro ano básico novamente, pois já havia cursado no Luís Viana. Porém, desta vez o nível de conhecimento nas ciências exatas foi intenso e essa intensidade foi, sem dúvida, a provedora de meus futuros ingressos na academia, via vestibular, uma vez que a mesma promoveu uma formação inicial sólida

Nessa magnífica escola se deu o meu primeiro contato com a teoria do comunismo, utopia que abracei, uma vez que o regime militar vigente repressivo e cheio de censura me empurrou para este lado, foi uma escolha consciente amplificada pelo ímpeto da adolescência rebelde, que é contra tudo aquilo que a reprime e que é o momento crucial da formação e tomada de consciência para os humanos.

Pode-se distinguir os homens dos animais pela consciência, pela religião ou por tudo que se queira. Mas eles próprios começam a se diferenciar dos animais tão logo começam a produzir seus meios de vida, passo este que é condicionado por sua organização corporal. Produzindo seus meios de vida, os homens produzem indiretamente sua vida material (Marx; Engels, 1999, p. 27).

Tal tomada de consciência vai marcar de forma indelével minha vida, pois neste momento entendo que em tudo que fazem as pessoas são dependentes das condições materiais, de sua força de trabalho e produção, que esta produção gera uma “mais valia” que enriquece cada vez mais os empresários, deixando os operários cada vez mais pobres.

Aprendi, nessa época, que só coletivamente poderia reverter esse quadro, abandonei por completo projetos individualistas e passei a ter preocupações para com a sociedade e com a melhoria das condições de vida como um todo, a partir do movimento estudantil secundarista. Eu não tinha grandes necessidades, nem materiais, nem psicológicas, sendo filho de uma família com oito irmãos, porém como um pai bem empregado na PETROBRAS e uma mãe pedagoga dedicada, supervisora educacional do Estado da Bahia (o petroleiro e a professora). Assim sendo, posso afirmar que não é somente a miséria responsável pelo crescimento dos movimentos sociais, pois mesmo quem teve sua renda acrescida aumentou sua criticidade à luta quando viu que era grande a possibilidade de vitória, no sentido de desejar melhores condições para satisfazer seus desejos e aumento da qualidade de vida em sociedade.

De acordo com essa perspectiva, desde os anos quarenta e, mais especialmente, na década de 50, o aprofundamento da divisão social do trabalho relacionado à concentração da população nas grandes metrópoles provoca a emergência de necessidades novas, associadas a novos padrões de consumo que envolvem educação, transporte, atendimento médico, equipamentos sociais e culturais. Cabe apenas enfatizar que esses novos padrões de consumo são vividos pela população, especialmente a de origem rural recente, como “melhoria de vida” (Durhain, 1984, p. 25-26).

Na prática, fiz parte do “Centro Cívico Santos Dumont” da Escola Técnica Federal da Bahia, hoje IFBA, onde durante duas gestões participei como Diretor de Esportes, ao lado de Antônio Almerico, Paulista, Gildásio e outros. Na época, além do movimento estudantil, já militava na ala jovem do então extinto MDB.

O Centro Cívico sofreu intervenção, pois em pleno regime militar os membros da Direção, na qual eu me incluía, negaram-se a hastear a Bandeira do Brasil e, em poucos minutos, o exército estava na Escola, a pedido do Diretor, Professor Rui Santos Filho, que nomeou como interventor o Prof. Coelho, oficial reformado da reserva; este foi o meu primeiro confronto direto com as forças militares, que respaldavam o regime de exceção; mais tarde, reavaliámos e hasteámos a Bandeira Nacional.

Já nessa época, começaram as reuniões clandestinas, pois em todas as reuniões do Grêmio o Professor Coelho queria

estar presente. Foi nesse ambiente que tomamos consciência do que representava a formação de uma classe operária para a possibilidade de mudança revolucionária no Brasil.

Formado em Instrumentação Industrial, ingressei, via concurso, na PETROBRAS, em 19 de novembro de 1979, com lotação na BAS 37, plataforma marítima de produção, situada no Litoral de Ilhéus-BA. Depois de realizar diversos estágios nos mais variados locais do Brasil, fiquei três anos embarcado na referida plataforma.

Confinado e isolado na BAS 37, cumprindo um regime de trabalho arriscado e insalubre, assisti às transformações políticas pelas quais passava o país do mar de Ilhéus; em agosto de 1983, tive notícias do 1º Congresso Pró-CUT e da greve dos petroleiros no mesmo ano, que culminou com a demissão de muitos companheiros da Refinaria de Mataripe Landulfo Alves, movimento com o qual fui solidário ideológica e financeiramente.

Em 1984, já em terra, fui convidado pelo companheiro Cal Figueiredo, que fora professor da Escola Técnica e, na época, era Auxiliar Técnico, lotado no TEMADRE, para participar da criação de uma oposição petroleira no STIEP BAHIA, que era dirigido pelo “pelego” Milton Cecílio. Lembro-me de que na ocasião, Figueiredo falava animadamente do primeiro Congresso da CUT, realizado em São Bernardo do Campos. Recordava da sua participação no 1º CONCLAT, realizado em Praia Grande, 1981.



## PRIMEIRA ENTRADA NA UNIVERSIDADE

Foto 8: UNEB campus



Fonte: Super vestibular - UOL.

Na época, estava sendo transferido para terra, Base de Santiago - Região de Produção da Bahia Campo, Catu - DINOR, em um regime de trabalho no horário administrativo que me proporcionava seguir os estudos. A princípio, na UNEB (Universidade Estadual da Bahia) no Curso Licenciatura em Eletricidade, é que vai acontecer um fato marcante em minha vida, na disciplina Fundamentos da Educação, ministrada por uma professora de que não lembro o nome (coisas da memória), quando tive meu primeiro contato com Paulo Freire, amor à primeira vista e indissolúvel, fiquei apaixonado pelo diálogo como possibilidade revolucionária, perguntei a ela: (Ah...! Professora

Iara, lembrei agora) O que Paulo Freire é? E ela respondeu: filósofo, filósofo da educação. Não tive dúvida, fiz vestibular para a UCSAL (Universidade Católica de Salvador), licenciatura em filosofia. Fiquei cursando as duas universidades. Aquela época reflete em mim até hoje.

O diálogo exige que a abertura do educador encontre uma abertura no educando e é esta disposição que faz o diálogo fluir, esta disposição carismática só encontramos na vocação pela busca da verdade. De certa maneira somos individualidades que, quando nos encontramos com a individualidade alheia, usamos a nossa razão e os nossos sentimentos em busca da verdade e, sendo assim, o caminho para verdade é o diálogo que é um processo entre pessoas em que um deixa sua marca no outro, em que há sempre uma experiência de algo novo encontrado no outro que não havíamos encontrado em nós mesmos e que nos transforma, pois nos retira do pensamento monológico, deixando sempre uma marca em nós, gerando uma amizade.

Nas negociações políticas ou comerciais, os diálogos afinam os interesses, intercambiam posições conduzindo sempre posições contrárias para pontos de equilíbrio, fazendo com que um veja o outro como outro, elevando um acima da limitação do outro, pois no ato de negociar o mais importante é a escuta para que possamos perceber o limite do outro e realizar a transação política ou comercial da melhor maneira possível para ambos (Soares, 2006, p. 34).

**Foto 9: UCSAL Federação.**



Fonte: Anota Bahia.

Na mesma época entrei para a oposição petroleira, onde encontrei vários companheiros, entre os quais, posso destacar: o próprio Cal Figueiredo, Nelson Araújo, Luís Alberto, Belchior Medeiros, Armando Trípode, Pimenta e mais alguns que foram chegando logo a seguir, Adoniran, Joilda Reis, Railton Ramos, Gutierrez, Mião, Fera, Bodião, Jairo Gordo, Gildásio, Algodão, Cal Ribeiro, Ribeiro, Climério e muitos outros espalhados por toda a Região de Produção da Bahia - RPBA.

Dentre esses novos companheiros, um vai trazer para o meu pensamento um posicionamento especial e marcante, é o companheiro Luís Alberto, na época, Presidente do MNU (Movimento Negro Unificado). Foi o que poderíamos chamar de uma tomada de consciência dos problemas que diretamente atingiam a mim e ao conjunto dos afrodescendentes de uma forma particular, pois além de operários sofriamos uma dupla discriminação por sermos negros; isto marca também minha vida até hoje e define a atual pesquisa de doutoramento e artigos recentes.

Sou boçal por mais pejorativo que seja o sentido desta palavra hoje, não sou ladino e nem crioulo, luto com resistência, para não ver o desaparecimento de uma cultura, que embora seja um atraso pelos ditos civilizados europeus é para mim uma maneira de ser e viver africanamente, que tem muito a ensinar aos doutores ocidentais e suas categorias que até hoje não deram conta dos problemas sociais do mundo.

Sou boçal desta forma, não por ignorância da cultura ocidental, sendo que era este termo usado pejorativamente para chamar os negros recém-chegados da África que ainda não tinham se integrado à cultura colonizadora europeia. Sou boçal por resistência e consciência de quem conhece uma maneira diferente de pensar, maneira esta que é uma filosofia própria e apropriada do ser africano no mundo. Sou boçal sem ressentimentos, pois sei que sou mais, por saber da minha cultura e da cultura do outro, conseguindo desta forma pensar com as duas lógicas sem que uma traga prejuízo à outra, pois acredito em uma coexistência pacífica e tolerante dos sistemas filosóficos e religiosos de culturas diferentes. Penso que, quando isto acontece, uma cultura termina enriquecendo a outra na unidade interna dos diferentes, pois os dedos das mãos são diferentes e juntos constituem a força e destreza vital da mão (Soares, 2006).

Embora contasse com militantes espalhados por toda a região petrolífera, “Mobilizando”, oposição apoiada pela Central Única dos Trabalhadores - CUT, tinha uma espécie de exe-

cutiva que se reunia constantemente, avaliando e executando ações sistematicamente, fazendo da vida sindical petrolífera da época uma verdadeira mobilização, pois não dávamos tempo, nem trégua ao “pelego” e nem à empresa.

Era desse grupo executivo que eu fazia parte junto com os companheiros acima citados e outros que agora não me vêm à memória.

Reuníamos, incansavelmente, para confeccionar boletins, ensaiar intervenções nas assembleias, deliberar sobre posturas éticas de seus membros, escolher nome e logomarca da oposição e até sobre a marca da CUT impressa no boletim, discussão esta que levou uma madrugada na sede do Sindicato de Trabalhadores de Telecomunicações - SINTEL, localizado na época na rua da Independência, bairro central de Salvador.

Por sermos clandestinos, nos reuníamos em diversos pontos: Sindicato de Trabalhadores de Telecomunicações - SINTEL, Sindicato de Trabalhadores de Energia - SINERGIA, casa de militantes, sede da CUT, onde eram preparados/impressos os boletins com a ajuda do gráfico chamado Alemão, e também, algumas vezes na casa do pai de Pimenta, na Praça dos Veteranos, onde até organizamos um Curso de Formação para a nossa base, aberto a outras pessoas, como a companheira Lia e os gráficos Adailton, João Pará e Joílson, que formavam a oposição gráfica, além do companheiro José Leite, oposição ao Sindicato dos Rodoviários.

Estávamos no centro da retomada classista do sindicalismo de lutas na Bahia.

E, neste momento, posso destacar alguns fatos que são marcantes e que, segundo minha própria avaliação, evidenciam o meu engajamento político, contribuindo para a minha demissão na PETROBRAS:

- Participação no Congresso Petroleiro e Petroquímico Regional, realizado em Aracaju, 1984;
- Reunião do MOBILIZANDO, onde ficou decidido o afastamento dos companheiros Nelson Araújo e Belchior Medeiros do mandado sindical, chapa de Milton Cecílio;
- Distribuição de boletins no refeitório de Santiago – Catu, o que gerou a minha primeira advertência verbal, feita pela chefia do campo, na época;
- Participação no 2º Congresso da CUT, Rio de Janeiro, 1986;
- Comando de greve na Greve Geral de 1986 onde, em Catu, fui responsável pela mobilização das empregadas, motivo central da demissão;
- Vice-presidente da CIPA – DINOR, representante dos empregados por decisão das Comissões de Fábrica, na mesma época em que Bassuma era representante do empregador e Presidente da CIPA;
- Entrevista ao Jornal Tribuna da Bahia em repúdio à ocupação das unidades da PETROBRAS por militares nas manifestações de março/1987, quando a companhia deu aumento diferenciado entre os funcionários de nível superior e os de nível médio;
- Paralisação das Oficinas de Santiago por falta de EPI quando haviam ocorrido dois acidentes na área, devido à emissão de fuligem da FERBASA, tal fato me rendeu uma advertência por escrito;
- Demissão por conveniência da companhia em 12

maio de 1987. Nos autos do processo, a empresa alegava que eu havia raptado o torrista da sonda da PERBRAS, Empreiteira da Petrobrás, e, no entanto, o mesmo havia aderido à greve;

- Perda, por um voto de diferença, na Assembleia Sindical onde fora votado e vetado o fundo de greve em apoio aos demitidos;
- Veto na participação da chapa de oposição por questões de marketing político;
- Participação no 2º Congresso da CUT como o delegado mais votado no DINOR, mesmo com dois anos após ser demitido;
- Fundação da CUT SAÚDE na Bahia, ao lado dos companheiros Roque Tarugo do Sindicato dos Metalúrgicos, Salvador Brito e Moema Gramacho do Sind Química;
- Participação efetiva no Comando Estadual das greves e mobilizações e congressos de petroleiros.



## APÓS A DEMISSÃO

Depois da demissão, fiquei um ano sem trabalhar e, por consequência, tive que abandonar o curso de Filosofia, na UC-SAL, por falta de dinheiro e, logo mais, abandonei também a UNEB. Voltei a trabalhar nove meses depois, época em que nasce o meu filho Rafael, primeiro de um segundo casamento, como professor, no Instituto Tecnológico Brasileiro - ITB, no Curso de Formação de Instrumentista e Operadores, por intermédio do companheiro Cal Figueiredo, e depois vou ao CSTI, também escola de cursos tecnológicos de curta duração.

Das Escolas de formação técnica, retorno à PETRO-BRAS através da Empreiteira Indústrias Reunidas Caneco, passo a ser empregado terceirizado, vítima do fenômeno da globalização, trabalho no campo de Carmópolis-SE de onde, mais uma vez, fui demitido, juntamente com a companheira Joilza Reis, que também fora demitida da PETROBRAS como eu, por reclamarmos da alimentação.

Volto a estudar num Curso de Inspeção de Equipamentos, promovido pela ABENDE, pago pelo Sindicato. Tento várias opções de empregos, mas sou perseguido pelo Setor de Informação da PETROBRAS.

Pressionado financeiramente, faço acordo na justiça e tento tornar-me dono do meu próprio negócio. Vou à falência.

Com o que resta do acordo, compro uma barraca na Praia de Ipiranga (BARRACA CATAVENTO). Passo a fazer parte da Associação dos Barraqueiros de Ipiranga, como Diretor de Comunicação, onde contribuí de maneira decisiva para

a reforma da orla marítima local. Na época, também administrava o restaurante do Clube 2004, na companhia de Joilza Reis e Railton Ramos.

## **SEGUNDA ENTRADA NA UNIVERSIDADE**

Sem sair da praia, onde, contemplando o mar, passei onze anos da minha vida (é o meu exílio), volto em 1995 à UCSAL – Curso de Filosofia. Desta vez no bacharelado, onde já engajado no movimento social, passo a trabalhar como educador numa ONG, Projeto IBEJI, para menores em situação de risco social. Volto a atuar no movimento estudantil (DCE-UCSAL – Gestão 100% Acadêmicos), onde, juntamente com outros companheiros, conseguimos matrícula para todos os inadimplentes que estudavam na UCSAL que estavam em má situação sócio financeira. Na mesma universidade, de que antes havia saído por não ter dinheiro para pagar, agora consigo isenção para mim e para outros companheiros.

Recebi em 1999 o título de Bacharel em Filosofia, depois de ter estagiado como professor na Escola Estadual Navarro de Brito, ministrando a disciplina de filosofia no segundo grau. As dificuldades encontradas nessa época é que vão me levar, mais tarde, a escrever a dissertação do mestrado (Coreografia do filosofar) na área de formação de professores, em especial de filosofia, que retornava ao ensino médio.

Coreografia é a arte de escrever os passos da dança e a dança é o movimento do corpo seguindo o ritmo de uma melodia. Homens e mulheres se manifestam na vida de acordo com o ritmo da realidade, até mesmo para alterá-la. Este movimento do existente perante o outro e a seu mundo é um filosofar, uma dança. A pretensão desta dissertação é de compor alguns passos

importantes para a formação do filósofo educador. Esta coreografia é dialógica, pois não se trata de um solo e, sim, de uma dança coletiva com o outro. Descreveremos estes passos, partindo da necessidade da formação do profissional educador de filosofia, no capítulo *Formar Filósofos Como, por quê e para quê?* Também, a sua didática, tomando como pedra de toque o diálogo, sem o qual é impossível filosofar, tornando assim, para nós, o diálogo, o ouvir e o falar um passo básico e fundamental para a nossa coreografia. Entendemos a nossa composição de bailados até a desmontagem do que parece realidade, onde estudamos o dado, o fenômeno para ver como ele se comporta e desmontando-o podemos desvelar o real. Nesta trilha, chegamos à forma, ou melhor, a ensinar alguém a dançar, através de uma dialética descendente ascendente, onde o educador leva em consideração os saberes do educando e o respeito como pessoa que tem sempre algo a acrescentar no processo educativo. Satisfeitos com o que poderíamos chamar de passos básicos, partimos para o bailado mais rebuscado, que são os *Assuntos Abordados* onde, além do geral, ressaltamos passos específicos para os dançarinos da cidade do Salvador-Bahia, onde a África pulsa forte no capítulo que chamamos de *Ócio e Mitoologia Africana*. Primeiro, para esclarecermos a necessidade de um ócio, onde a inventividade flui e, depois, para esclarecermos que, afrodescendentes que somos, temos a necessidade de dançar africanamente com um mito de criação africano. Daí, filosofamos sobre o que é o ato do

filosofar da estética, da ciência e da ética. Tocamos no humano, homens que somos, dançando conforme a música, sempre conectados a nossa prática (Soares, 2004, p. 7).

Nessa época tenho a experiência como Educador de Rua na FUNDAC, o que vai me render, ao terminar a graduação, na preparação para trabalhar como educador de Rua no Projeto AXÉ, e aí vem de novo um intenso contato com Paulo Freire, pois o Projeto Axé é umedecido pelos seus métodos e ensinamentos; contou com participações pessoais do mesmo em formações e seminários na época em que estava vivo e continua iluminado por ele até hoje.

A tarefa coerente do educador que pensa certo é, exercendo como ser humano a irrecusável prática de inteligir, desafiar o educando com quem se comunica e a quem comunica, produzir sua compreensão do que vem sendo comunicado. Não há inteligibilidade que não seja comunicação e intercomunicação e que não se funde na dialogicidade. O pensar certo por isso é dialógico e não polêmico (Freire, 1999, p. xx).

Especializo-me em Estética Semiótica e Educação pela Faculdade de Educação – FACED/Universidade Federal da Bahia - UFBA. Logo após, sou aprovado no Mestrado em Educação e atuo como educador social do Projeto Agente Jovem, que visava ao protagonismo juvenil, tendo como patrocinador o Ministério da Justiça e como gestores a UFBA, UNEB e UC-SAL.

Sou contratado pela Comissão de Justiça e Paz da Arquidiocese de Salvador - CJP, onde assessorava, trabalhando como Educador de base na equipe urbana, a população de rua (Projeto Reciclart) e as ocupações urbanas do Alto de Ondina e do Jardim das Mangabeiras, nas Cajazeiras. Na vida das metrópoles latino-americanas, heterogeneidade e desigualdade são presenças constantes.

Esta desigualdade torna-se igualdade através das carências, cobrindo, assim, a heterogeneidade de maneira negativa, pois encobre, também, tudo de positivo que existe nas diferenças.

No movimento, face à mesma carência, todos se tornam iguais. E, agindo em conjunto, esses iguais vivem a experiência da comunidade. Os movimentos sociais se constituem, portanto, como um lugar privilegiado onde a noção abstrata da igualdade por ser referida a uma experiência concreta de vida. A igualdade constitui-se, desta forma, como representação plena, concretizada na comunidade (Durhan, 1984, p. 28).

A pessoa, então, passa a ser reconhecida no plano público e não no privado dos pequenos grupos, tipo família, parentes e vizinhos, ou como é comumente massificado. Desta forma, nas grandes metrópoles, o movimento social comunitário dá voz à pessoa e a conduz à esfera pública.

Mesmo nos movimentos de caráter formal, embora de maneira mais intensa, a mesma mudança do privado para o público ocorre, pois o indivíduo tanto amplia sua vida priva-

da reformulando-a, como desenvolve práticas sociais coletivas, sendo reformulado.

No entanto, os movimentos sociais criam limitações:

- 1 A ampliação dos grupos cria problemas e, assim, o movimento deve crescer pela multiplicação e não pela ampliação;
- 2 A segmentação e a pulverização são consequências da ampliação, pois o grupo vive do consenso, e este não é alcançado em grupos muito grandes, onde as discussões são inconclusas;
- 3 Podem ocorrer inversões onde as reivindicações viram instrumentos de mobilização ao invés do contrário.

O clientelismo tende a ser reconhecido, denunciado e identificado como falta de “consciência”.

Dessa maneira, deve a criação de uma igualdade mítica requerer ocultação das distinções partidárias e confeccionais, pois estas diferenças de credo e partido podem vir a impedir a formação de uma comunidade de iguais na carência.

Assim, o movimento tem duas faces: a pública (igualdade, união e consenso) e a privada (cisões, divergências, discriminações etc.), que é ocultada e só é reconhecida para ser criticada. É esta a vivência, memória experimentada na prática do trabalho na Comissão de Justiça e Paz (ONG) em ocupações urbanas e com a população de rua que carrego comigo, fazendo sempre uma reflexão com o pensamento dos teóricos nas minhas práxis; é aí que eu aprendo uma nova noção de cidadania, múltiplas dimensões:

- Cidadania está ligada à experiência dos movimentos sociais tanto dos de tipo urbano, quanto dos de direitos, quer seja à igualdade ou à diferença (acesso à cidade);
- Cidadania expressa o sentido básico teórico do novo estado democrático, a partir da crise do socialismo real;
- Ela é o “nexo constitutivo” numa construção democrática entre cultura e a política, pois a cultura só se torna democrática através da construção da cidadania.

Numa sociedade onde a desigualdade econômica é um dos aspectos mais visíveis, constitui-se o ordenamento social presidido por um “autoritarismo social” hierarquizante baseado nas categorias classe, raça e gênero, que classifica as pessoas e as coloca nos seus respectivos lugares sociais (“cada macaco no seu galho”), fomentando assim uma cultura de exclusão que coloca autoritariamente cada indivíduo no seu devido lugar, reproduzindo as desigualdades em todos os níveis sociais. A eliminação do “autoritarismo social” constitui uma prioridade emergente para que rumemos a uma sociedade democrática que ultrapasse o regime político democrático.

É um pouco constrangedor e desconfortável falar disso atualmente, num contexto onde, com o agravamento das desigualdades econômicas, a fome, a miséria, o autoritarismo social se transformou em *apartheid social*, em violência, em genocídio. No entanto, talvez seja exatamente mais importante ainda, num momento em que a gravidade da crise econômica acaba determinando o que considero um certo “redu-

cionismo econômico” na análise da questão da democracia, enfatizar essa dimensão cultural da cidadania. Mesmo porque, de outro lado, me parece evidente o vínculo entre esse autoritarismo social enquanto matriz histórica de ordenamento da nossa sociedade e o quadro de miséria a que chegamos hoje, sem falar da privação desvairada do Estado e dos recursos públicos a que assistimos hoje como componente da crise política que vivemos (Dagnino, 1994, p. 105).

A consequência final que é desse novo conceito de cidadania em dar conta do direito de uma igualdade n uma “cidadania diferenciada” para um “público heterogêneo”, pois os interesses de todos diferentes tendem a um interesse coletivo que instrui os direitos

E aí Dagnino adverte sobre os riscos de cair na cilada da igualdade e diferença:

Para mim não se trata de recusar a diferença, mas de entender o que ela designa. Em vez de mergulhar na cilada, eu gostaria de reafirmar, como tem sido uma tendência importante também no campo da teoria feminista, a existência de um vínculo intrínseco entre a igualdade e a diferença. No campo da direita, a diferença sempre emerge como afirmação do privilégio e, portanto, como defesa da desigualdade. No campo da esquerda, no campo da cidadania, a diferença emerge enquanto reivindicação precisamente na medida em que ela determina desigualdade. A afirmação da diferença está sempre

ligada à reivindicação de que ela possa simplesmente existir como tal, o direito de que ela possa ser vivida sem que isso signifique, sem que tenha como consequência, o tratamento desigual, a discriminação. Não fora a desigualdade construída enquanto discriminação à diferença, ela não existiria como reivindicação de direito. Concebido nessa perspectiva, me parece que o direito à diferença, específica, aprofunda e amplia o direito à igualdade (Dagnino, 1994, p. 114).

Como Mestre em Educação pela UFBA, trabalhei como professor substituto na UNEB/ Santo Antônio de Jesus, local que hoje chamo de minha casa e onde aprendi a trabalhar com as pessoas do interior, vendo e aprendendo com elas um jeito de ser diferente de valorar as coisas, onde como bem diz a banda baiana Lampirônicos em sua música, “quem mora no interior vai buscar o interior, quem mora na capital vai buscar o capital”, se é diferente no que se busca. Ao mesmo tempo, atuei como professor substituto na Escola de Filosofia da UFBA em 2005, local em que ensinei somente em um semestre a disciplina introdução à filosofia no curso de Ciências Contábeis. Fui aprovado no Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Ceará/UFC/FACED para o doutorado em Educação Brasileira no Núcleo de Movimentos Sociais. Já com os créditos terminados, sou aprovado na primeira qualificação da pesquisa EXU E AS VINTE E UMA FACES DA FILOSOFIA AFRICANA DA EDUCAÇÃO, que tem como objetivos verificar através da pesquisa se a natureza polilógica e polifônica de Exu, que é a própria comunicação e o diálogo com os outros, é uma carac-

terística que se repete no pensamento africano. E se isso for confirmado, verificar se é possível a partir deste ponto sistematizarmos uma filosofia da educação africana. Parti do conceito de interversão, onde o modelo antigo é intervertido e não invertido, isto é, sem perdas, sem exclusão do outro, onde a cultura africana sirva à educação de afrodescendentes sem desqualificar a cultura ocidental, reconhecendo nela um diferente que acrescenta a minha lógica. Para haver a interversão, estudei os mitos africanos, pois o mito é a base da cultura de um povo, está no início da formação e dá sentido a sua existência; através da pesquisa dos mitos, pode-se ver a natureza polilógica e polifônica de Exu, que é a própria comunicação, o diálogo. Desta forma, sempre procurei descobrir se este diálogo era pedagógico e as suas possibilidades de serem um “Paidéia” africana.

Examinei genealogicamente o orixá Exu, de modo que até os textos ou vozes que possam parecer uma objeção a nosso propósito não sejam desprezados nem nos causem ira, tendo em vista que não olhei de maneira ressentida para aqueles que não pensam como eu e que me possam parecer uma oposição, nem muito menos com um olhar de que as desejo refutar, pois não se trata aqui de refutações e, sim de olhares e culturas diferentes. Sendo assim, lancei sobre nossos diferentes um olhar analítico de quem procura um sentido, uma base lógica explicável capaz de satisfazer e alinhar espíritos, de maneira que possa acrescentar algo independente da cultura a que pertençam.

A minha intenção final na época era de construir uma pedagogia baseada em Exu, pois este se comunica com todos, e esta comunicação enquanto diálogo pode ser um dos vários fundamentos para uma filosofia da educação Africana.

Será que múltiplas faces dele nós ainda temos que des-

cobrir se quisermos realmente conhecê-lo? E este conhecimento tornará possível a construção de uma epistemologia que, como ponto de partida, possa dar conta de uma filosofia africana da educação?

Há em Exu uma axiologia, uma ética, uma estética capaz de gerar uma filosofia da educação africana?

Dessa forma, o meu objetivo se fez interrogante e inquietante tal como o fenomenal Exu se mostra.

Consciente de que a política fez, faz e fará parte da minha vida, confirmo as declarações acima referidas, salvo engano, omissão ou equívoco de nomes e datas, falhas intencionais ou casuais da minha memória e por isto conto com a ajuda dos companheiros citados ou esquecidos para as devidas correções, pois são eles a prova viva do meu passado.

Por fim, gostaria de reiterar o princípio heracliano no qual uma vida é um devir eterno, assim como são os deveres e direitos humanos provisórios e transitórios à espera do próprio homem, do cidadão moderno que é aquele que ousa mudar a história, não aceitando a coisa como dada e essa mudança só se torna possível com ensino e educação, e consequentemente com uma academia, uma universidade onde novos educadores e acadêmicos são formados.

## A UFRB ANTES DE TOMAR POSSE

Minha vida de atividades acadêmicas, de extensão, ensino e pesquisa e até administrativa na UFRB começa antes mesmo da minha posse nessa universidade. Fiz o concurso público para a disciplina de filosofia da educação, em 2006, passei em segundo lugar, meu amigo e compadre Eduardo Oliveira passou em primeiro e logo tomou posse. Na época estava fazendo meu doutorado em educação na UFC, já tinha feito uma primeira qualificação e estava terminando meu prazo de professor substituto na UNEB.

Estava muito envolvido com a pesquisa sobre Exu e praticamente morando em Cachoeira, Recôncavo Baiano, entrevisitando mães de santo, percorrendo candomblés, cada vez mais aficionado a essa religião, em que terminei fazendo santo no **Ilê Araketu Ase Osun** com a matriarca Preta de Oxaguiã. Nesse momento, tornei-me um “pesquisador de dentro”, uma vez que no candomblé existem pensamentos, ideias, maneiras de fazer e pensar e filosofias que somente são mostradas aos seus filhos dentro de um devido tempo, são esses pensamentos que quando devidamente apropriados tornam o adepto da religião “um pensador enterreirado”:

Uma das mais difundidas reivindicações das raízes africanas entre nós é o chamado pensamento de terreiro, ou aquilo que venho chamando de pensamento enterreirado, produzido a partir das experiências dos terreiros de candomblé e umbanda no Brasil. Nesses territórios, que

articulam saberes, práticas e crenças africanas e afro-indígenas, uma forte busca pelas origens africanas tem sido mobilizada, e muitas vezes nos deparamos com cenários muito próximos aos trazidos por Hountondji (Nascimento *apud* Hountondji, 2024, p. 26).

**Foto 10: Dia da confirmação como filho de Ogum e Ogã de Oxaguiã, ao meu lado o Ogum de minha irã Faustina (in memoriam) e de costas minha outra irmã ekedi Cléo.**



Fonte: Foto de Janes Lavaroti (Arquivo pessoal).

**Foto 11: Dia da confirmação como filho de Ogum e Ogã de Oxaguiã**



2007/09/23 01:37

Fonte: Foto de Janes Lavaroti (Arquivo pessoal).

E, praticamente, depois que eu saí do “resguardo do santo feito”, sou convidado pela professora Rita Dias e pelo professor Cláudio Orlando, colegas do mestrado na UFBA que já estavam efetivados na UFRB/ CFP (Universidade Federal do Recôncavo da Bahia / Centro de formação de Professores), para participar do Projeto Conexões de Saberes.

O Programa Conexões de Saberes originou-se do Projeto Rede de Universitários de Espaços populares – RUEP, do Observatório de Favelas do Rio de Janeiro. No final de 2004, a SECAD/ MEC, em parceria com o Observatório, iniciou o Programa em cinco universidades federais -

UFF, UFMG, UFPA, UFPE e UFRJ. Até 2007, foram incluídas mais 28 universidades, inclusive a Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, totalizando 33 universidades participantes do Programa.

O objetivo do Programa Conexões de Saberes: diálogos entre a universidade e as comunidades populares, em âmbito nacional, era ampliar e fortalecer a relação entre a universidade e os espaços populares no âmbito de políticas de democratização do acesso e permanência ao ensino superior público, valorizando o protagonismo dos estudantes universitários de origem popular. Em consonância com os referenciais nacionais do Programa, o Projeto da UFRB também consolidou a concepção e a intencionalidade político-pedagógica da extensão universitária, valorizando as trajetórias escolares e existenciais dos estudantes universitários e os saberes acumulados em suas trajetórias de vida (Silva, 2013, p. 60).

Nessa época comecei a ministrar aulas de reforço de filosofia da educação para os ingressantes cotistas da UFRB em quatro campi: em Cachoeira-BA (CAHL - Centro de Artes Humanidades e Letras), em Cruz das Almas-BA (CETEC - Centro de Ciências Exatas e Tecnológicas), em Santo Antônio de Jesus-BA (CCS - Centro de Ciências da Saúde) e em Amaral-gosa-BA (CFP - Centro de Formação de Professores). Esse foi meu primeiro contato direto com a UFRB, no qual eu começo a perceber com clareza a grandeza da instituição que eu estava adentrando e a importância de um programa como o Conexões, que ajudava tanto a manter o cotista negro e de baixa renda

na universidade sem baixar o nível desta. Não tinha como não lembrar de minha mãe, “negro e pobre tem que estudar”, e dos pensamentos do Paulo Freire, para o qual, a educação é o caminho da inclusão.

O Programa Conexões de Saberes foi mantido pelo Governo Federal através da Secretaria de Educação Continuada Alfabetização e Diversidade - SECAD em parceria com o Observatório de Favelas. Referente ao sistema de cotas, entre outras universidades federais que já tinham aderido a esse sistema, a Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, junto a mais 32 (trinta e duas) instituições, participou da implementação do Programa Conexões de Saberes. Entre 2007 e 2011, a UFRB teve duas versões desse Programa, com a finalidade de ampliar e fortalecer políticas e estratégias de ações afirmativas de acesso e permanência de estudantes de origem popular no ensino superior (Silva, 2013, p. 61).

Ainda nessa época comecei a articular no Centro de formação de Professores (CFP) a criação de um curso de Licenciatura em Filosofia. Estava cansado de ensinar filosofia para as outras carreiras acadêmicas, achava importante a característica interdisciplinar da filosofia. Porém, como bem dizia na época, não queria ser somente garçom, gostaria de pôr em prática para a formação de filósofos a minha dissertação de mestrado em educação, realizado na UFBA/FACED, que tem como título: **Coreografia do filosofar: Uma Tensão Dançante entre Corpo e Música para a Formação do Educador Filósofo**, e como

na época da UFRB/CFP tudo estava em criação, me articulei com os professores(as): Eduardo Oliveira, Alessandra Gomes, Andreia Barbosa dos Santos e Edilene Maioli (*in memoriam*) e começamos a criar o curso que seria aprovado logo após a minha posse.

## **UFRB DEPOIS DA POSSE**

Tomei posse na UFRB em 09 de maio de 2008, e, logo em seguida, viajei para Fortaleza - CE para fazer a segunda qualificação de doutorado. Lembro muito bem que passei o mês todo revisando e buscando atender as exigências da banca de qualificação, preparando-me para a defesa, que ocorreu em 01 de julho de 2008. Depois da qualificação, ainda em maio, participei do VII Encontro Cearense de Historiadores da Educação, que foi realizado na cidade de Barbalha, no sul do Ceará, com a temática geral “Vitrais da Memória: Lugares, Imagens e Práticas Culturais”, apresentando meu trabalho *EXU E A ENCRUZILHADA DE CONCEITOS, ÈSUTÓSÌN*, que foi publicado na obra *História da Educação Vitrais da Memória Lugares, imagens e práticas culturais*, organizada por Maria Juraci Maia Cavalcante, Zuleide Fernandes de Queiroz, Raimundo Elmo de Paula Vasconcelos Júnior e José Edvar Costa de Araújo (Fortaleza: UFC, 2008, v. 55, p. 79-98). Aconteceu nesse evento uma das primeiras publicações como professor efetivo da UFRB/CFP, depois passei o resto do congresso no quarto do hotel fazendo um glossário para a tese, pois tinha várias palavras em ioruba, a pedido da banca.

**Foto 12: Banca de defesa de tese.**



Fonte: Arquivo pessoal

**Foto 13: Banca com a presença da ialorixá Valeria de Logun Éde.**



Fonte: Arquivo pessoal.

Na foto de número 12 está a banca composta por (da esquerda para direita): prof. Dr. Luís Botelho de Albuquerque – UFC, prof.<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Rosa Maria Barros Ribeiro – UECE, Prof. Dr. Henrique Antunes Cunha Júnior – UFC (coorientador), Prof. Dr. Dante Augusto Galeffi – UFBA, Prof. Dr. José Gerardo Vasconcelos – UFC (Orientador).

Na foto de número 13 aparece a ialorixá Valeria de Logun Éde, que se senta entre eu e a banca, transmitindo toda sua energia, e na foto de número 14 está a minha mãe Angelita (de óculos), assistindo à defesa do filho ao qual sempre falou que “preto pobre tem que estudar” e também transmitindo sua energia, fortalecendo-me com sua presença juntamente com meus colegas de programa.

A defesa da tese *As Vinte e Uma Faces de Exu na Filosofia Afrodescendente da Educação: Imagens, Discursos e Narrativas Laroïê* é um marco dos mais importantes da minha carreira acadêmica, primeiramente pelo título de doutorado em si, uma vez que, logo de imediato sou promovido de professor assistente para adjunto, um dia após a defesa que ocorreu em 2 de julho de 2008, dia em que se comemora a independência da Bahia. De maneira icônica, eu comemorei minha independência acadêmica, pois é o marco de uma virada de mentalidade intelectual importantíssima, tanto para mim quanto para meus educandos, como todos que estão lendo esse memorial e já perceberam que a minha formação inicial é puramente eurocêntrica e a partir da escrita dessa tese torna-se afrodescendente, onde sem retirar o eurocentrismo acrescento o conhecimento africano e dos povos originários de maneira a tornar-me genuinamente brasileiro e dessa forma na prática passo a falar das filosofias no plural, onde destacadamente a filosofia afrodescendente é uma delas.

**Foto 14: Lado esquerdo, de óculos, minha mãe Angelita e em toda a sala colegas de programa.**



Fonte: Arquivo pessoal.

## **RESUMO**

O trabalho tem como objetivo examinar os múltiplos conceitos existentes para Exu, dentre os quais a inversão, observada na maneira deste orixá ensinar às avessas, no mito de como ele ensina a Oxum a jogar búzios para ver o futuro, ou do princípio do caos exuriano – no qual é preciso um grande estado de confusão inicial para que o esclarecimento aconteça. Enfoca também a matrifocalidade presente na obra de Ruth Lands: “A cidade das mulheres”, a qual mostra esta inversão exuriana de valores numa cidade machista em que as mulheres mães-de-santo são as poderosas. Serão vistos os diversos conceitos que Exu ganhou após sua chegada ao Brasil, além do dialogismo

do orixá da comunicação, o interlocutor de todos os outros. Os mitos africanos serão analisados, pois o mito é base da cultura de um povo e está no início da sua formação, dando sentido à sua existência. Através da investigação desses pontos analisar-se-á a natureza polilógica e polifônica de Exu, que é o próprio movimento em si, pois ele é a força dinâmica que move a tudo e a todos – como bem destaca Joana Elbein dos Santos. Os métodos utilizados são os fenomenológicos que servirão para que se tenha uma visão sem prejuízos sobre o orixá no convívio com “o povo de Santo”, por meio da escuta e de entrevistas, juntamente com o método genealógico, serão analisados vários estudos escritos por antropólogos e historiadores, os quais estão misturados, rasurados e mal redigidos – muitos deles feitos com intenções de poder, já que os primeiros estudiosos estavam diretamente ligados ao cristianismo. Assim, de olhos e ouvidos bem abertos, como um vigia, pois é espreitando – como diria Foucault –, como numa caçada ou investigação policial, buscando a melhor forma de entender a regra do jogo histórico, onde menos se espera é que talvez apareça aquilo que não é possuído pela história. A intenção é mostrar que em Exu existe um princípio pedagógico e dialógico gerador de conceitos e por ter vários conceitos – e porque continua gerando-os em constante mudança uma vez que essa multiplicidade de conceitos e *devir* são características da filosofia segundo Gilles Deleuze –, mostra que Exu pode ser assim como Apolo e Dionísio que são para George Colli, o princípio de uma filosofia, desta feita não a grega, mas a filosofia da educação afrodescendente.

**Palavras-Chave:** Exu; Filosofia; Afrodescendente; Educação (Soares, 2008, p. 10).

A partir desse momento, orientado pela Resolução nº 023/2014, que foi a alteração da Resolução nº 13/2009, as progressões funcionais passam a ser feitas no interstício de 02 anos, onde serão aferidos pontos a cada atividade exercida pelo docente nas seguintes categorias: atividade de ensino, extensão, pesquisa, administrativa e capacitação.

Segundo o artigo 5º da Resolução nº 023/2014, para progressão na classe C (adjunto) para quem trabalha em regime de dedicação exclusiva de 40h, o docente tem que fazer 120 pontos por interstícios nas categorias (I, II, III, VI) citadas acima, conforme barema da Resolução. E para migrar da classe C (adjunto) para classe D (associado), a soma desses interstícios deve ser igual ou superior a 440 pontos, sendo que uma vez na classe D (associado), que também tem interstícios nas categorias I, II, III, IV, volta a ter a necessidade de pontuar 120 pontos por interstício, sendo que para chegar a professor Titular tem que fazer no mínimo 450 pontos na soma dos interstícios, além da defesa de memorial.

### **PRIMEIRO INTERSTÍCIO 09/07/2008 a 09/07/2010 - prof. Adjunto I para adjunto II**

ATIVIDADES	PONTUAÇÃO
ENSINO	59,0
EXTENSÃO	44,5
PESQUISA E PRODUÇÃO ACADÊMICA	17,0
ATIVIDADES ADMINISTRATIVAS	105,5
CAPACITAÇÃO PROFISSIONAL	-----
<b>TOTAL DE PONTOS</b>	<b>226,0</b>

Nesse primeiro interstício a tarefa foi criar, na prática, o curso de Licenciatura em Filosofia e tal tarefa foi muito árdua. Primeiro, porque a universidade era muito nova e muito dos documentos estavam sendo ainda criados, e pela minha própria inexperiência.

Na época o Centro de Formação de Professores só tinha dois professores de filosofia, eu e o professor Eduardo Oliveira, que por motivos familiares se transferiu para a UFBA, sendo que nessa época chegou ao Centro o professor Gilfranco Luce-na dos Santos, que me auxiliou na tarefa de contratar outros dez professores do curso.

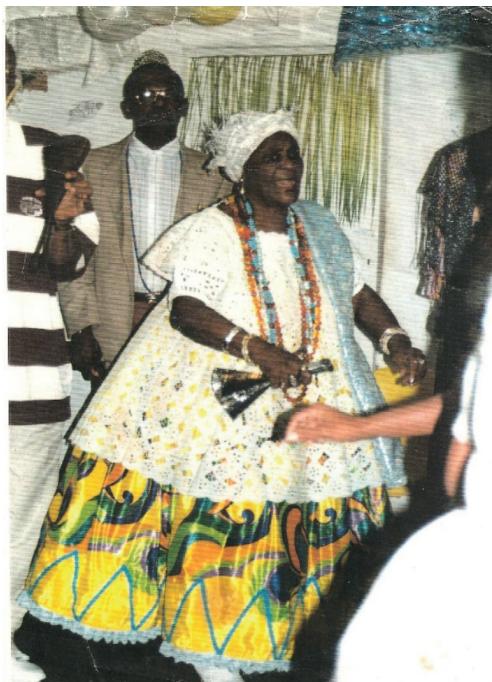
Fui coordenador pro tempore do curso por um ano e quando terminei as bancas de contratação dos docentes fui eleito e continuei coordenador por mais dois anos. Neste período, por ser coordenador, fui membro do CONSUNI (Conselho Universitário da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia) e fui presidente da Câmara de Políticas Afirmativas, uma vez que a UFRB é a primeira universidade a criar uma PROPAAE (Pró reitoria de Políticas Afirmativas e Assuntos Estudantis) para dar conta do atendimento de todos os estudantes e, principalmente, dos cotistas, atendendo, consequentemente, o sistema de cotas raciais sociais que foi implantado na UFRB desde sua criação.

## **SEGUNDO INTERSTÍCIO 09/07/2010 a 09/07/2012 - prof. Adjunto II para adjunto III**

<b>ATIVIDADES</b>	<b>PONTUAÇÃO</b>
ENSINO	72,0
EXTENSÃO	115,0
PESQUISA E PRODUÇÃO ACADÊMICA	60,0
ATIVIDADES ADMINISTRATIVAS	406,0
CAPACITAÇÃO PROFISSIONAL	-----
<b>TOTAL DE PONTOS</b>	<b>653,0</b>

Nesse período, minha atividade de destaque foi o início da pesquisa de pós-doutorado realizada no Recôncavo da Bahia, na Cidade de Cachoeira e adjacências, sob a supervisão do professor doutor Charliton Machado, do programa de pós-graduação em educação da Universidade Federal da Paraíba. O tema da pesquisa trata-se da biografia de Mãe Baratinha, a zeladora de Orixás ialorixá Galdina Silva da Paixão, nascida no Recôncavo em Muritiba e foi a fundadora do terreiro do Ilê Kayó Alaketú Ashé Óxum, na cidade de Cachoeira, localizada também do Recôncavo.

**Foto 15: Galdina da Silva da Paixão (Mãe Baratinha).**



Fonte: Acervo do terreiro.

Tal pesquisa implicou diversos ângulos de conhecimentos essenciais na formação da minha carreira acadêmica, primeiramente, por desenvolver uma pesquisa no Recôncavo, onde a UFRB, nesse momento, se afirmava como universidade negra. Nesse instante, comecei a participar da criação, juntamente com os professores do Centro de Artes Humanidades e Letras (CAHL/UFRB), do curso de especialização em História da África, da Diáspora e dos povos Indígenas, que no futuro viraria um mestrado profissional e, neste momento, torna-se um doutorado, do qual no momento sou o coordenador. Outra importância desse pós-doutorado foi meu entendimento profundo sobre meu terreiro, *Ilê Kayó Alaketú Ashé Óxum*, uma vez que sou Ogã da casa, e fui iniciado por Mãe Preta de Oxaguiã, filha de Mãe Baratinha. É bom ressaltar, também, que, neste momento, passo a trabalhar em dois centros da UFRB, no de Amargosa (Centro de Formação de Professores - CFP), onde sou oficialmente lotado, e no de Cachoeira (CAHL).

### **TERCEIRO INTERSTÍCIO 09/07/2012 a 09/07/2014 - prof. Adjunto III para adjunto IV**

<b>ATIVIDADES</b>	<b>PONTUAÇÃO</b>
ENSINO	342,50
EXTENSÃO	133,00
PESQUISA E PRODUÇÃO ACADÊMICA	60,00
ADMINISTRATIVAS	15,00
CAPACITAÇÃO PROFISSIONAL	5,00
<b>TOTAL DE PONTOS</b>	<b>555,50</b>

Nesse interstício, com a diminuição das atividades administrativas, terminei meu primeiro estágio pós-doutoral, que começou no interstício anterior, uma bibliografia de Mãe Baratinha ialorixá do terreiro Ilê Axé Oxum de Cachoeira na Bahia.

Nesse período também começa a primeira turma da especialização em História da África que, em breve, dará origem ao mestrado e doutorado, trabalho iniciado no interstício anterior. O interessante é notar que neste período a informatização do processo administrativo da universidade aprimora-se e, praticamente, paramos de imprimir documentos, passando a digitalizar e, dessa maneira, economizamos papel e mantemos nossos documentos no sistema.

Porém, a atividade de destaque desse período foi o convite que recebi em janeiro de 2013 da UFBA/ MUSEU AFRO-BRASILEIRO, diretamente de sua coordenadora, professora Maria das Graças de Souza Teixeira, que me apresentou ao curador Marcus Antônio Passos, na época. Esta exposição tinha como finalidade apresentar várias visões que temos de Exu e os discursos sobre ele, que vão nos levar diretamente às portas das encruzilhadas da vida, uma vez que Exu é o orixá dos caminhos, que abre as portas entre o real e o imaginário humano, sem os quais os caminhos labirínticos responsáveis pela comunicação na religião dos Orixás estaria fechado, facilitando assim nossa comunicação, abrindo as portas, estariam entre a teoria e a prática, facilitando a comunicação entre a realidade (vida no Orum) e a magia (vida no Aiyê).

Dessa forma, contribuí para a preparação da exposição e fiz sua conferência de abertura no Museu afrobrasileiro, localizado no Terreiro de Jesus, em Salvador, no prédio da antiga faculdade de medicina (primeira do Brasil).

**Foto 16: Convite enviado pela coordenação do Mafro.**



Fonte: Arquivo pessoal.

**Foto 17: Conferência de abertura ( autor desconhecido).**



Fonte: Arquivo pessoal.

## **QUARTO INTERSTÍCIO 09/07/2014 a 09/07/2016 - prof. Adjunto IV para Associado I**

<b>ATIVIDADES</b>	<b>PONTUAÇÃO</b>
ENSINO	269,0
EXTENSÃO	132,0
PESQUISA E PRODUÇÃO ACADÉMICA	111,0
ADMINISTRATIVAS	175,5
CAPACITAÇÃO PROFISSIONAL	-----
TOTAL DE PONTOS	687,5

Nesse período, estive no programa de pós-graduação em educação da UFBA/FACED e no mestrado em História da África no CAHL em Cachoeira, também fui professor e coordenador da terceira turma da especialização em História da África, Chefe do Núcleo de Pós-Graduação do CFP em Amargosa e ainda atuei como coordenador de Políticas Afirmativas da PRO-PAAE em Cruz das Almas-BA.

Atuar em uma universidade multicampi, deslocando-me por todo recôncavo baiano e ainda ser professor da UFBA, em Salvador, tornou este período de intenso deslocamento muito cansativo, porém proveitoso para o entendimento de como a pós-graduação transforma o ensino superior em Universidade.

**Foto 18: Meus orientandos de mestrado na FACED/UFBA no grupo HCEL (História da cultura corporal educação esporte lazer e sociedade). Da esquerda para a direita: Alexandre da Silva Marques, Maiara Damasceno da Silva Santana, Shirley Pimentel de Souza.**



Fonte: Arquivo pessoal.

### Foto 19: Convite do encontro.



Fonte: Arquivo pessoal.

Nesse interstício, também tive a honra de participar da mesa redonda de encerramento do **I ENCONTRO DE FILOSOFIA DO PIBID NO II ENCONTRO DE FILOSOFIA DA UFRB** e do **VII SEMINÁRIO SOBRE O ENSINO DE FILOSOFIA**. Foi um grande prazer estar na mesa com meus orientadores de especialização, Dante Augusto Gallefi, e de doutorado, José Gerardo Vasconcelos, falando dos temas que perpassam por toda minha carreira acadêmica, que são filosofia, ensino e educação em um cenário de diferenças identitárias, além de contemplar o programa institucional de bolsas de iniciação à docência. Na minha profissão de formador educacional isso é muito importante, uma vez que leva meus educandos a colocarem literalmente os pés, pela primeira vez, “no chão da sala” de aula.

No ano de 2015, quando eu estava na coordenação da gestão de pesquisa do Centro de Formação de Professores, tentava desfazer a ideia de meus colegas sobre a inferioridade dos programas profissionais de pós-graduação, explicando a eles que nesse tipo de pós-graduação, além de escrever uma dissertação ou tese, ainda se confecciona um produto que de maneira profissional eficaz leva o resultado da pesquisa para as séries iniciais e, consequentemente, para a vida popular, ao invés de ficar guardado em uma biblioteca. Assim, convidei uma das maiores condecoradoras do assunto, a professora Dr<sup>a</sup> Phd Tania Maria Hetkowski da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Depois desses esclarecimentos, o Centro de Formação de Professores ganhou mais dois mestrados profissionais em rede, o da Licenciatura em Filosofia e da Licenciatura em Química, pois antes só tinha o da Educação do Campo.

**Foto 20: Card do convite para palestra sobre programas profissionais.**



Fonte: Arquivo pessoal.

## **QUINTO INTERSTÍCIO 09/07/2016 a 09/07/2018 - prof. Associado I para Associado II**

ATIVIDADES	PONTUAÇÃO
ENSINO	513,00
EXTENSÃO	83,00
PESQUISA E PRODUÇÃO ACADÊMICA	99,00
ADMINISTRATIVAS	130,00
CAPACITAÇÃO PROFISSIONAL	-----
<b>TOTAL DE PONTOS</b>	<b>825,00</b>

Nesse período, vivi a emoção do lançamento do livro *As Vinte e Uma Face de Exu na Filosofia Afrodescendente da Educação*, fruto da minha tese de doutorado, tal emoção estendeu-se do mundo acadêmico para uma festa literária internacional, a FLICA de Cachoeira – BA. É como se eu estivesse saído do sagrado mundo de rituais da academia para o profano mundo de festividades e ludicidades da festa em si.

Foto 21: Convite para Festa Literária internacional de Cachoeira BA (FLICA).



Fonte: Arquivo pessoal.

**Foto 22: Livro.**



Fonte: Arquivo pessoal.

**Foto 23: Livro.**



Fonte: Arquivo pessoal.

## **SEXTO INTERSTÍCIO 09/72018 a 09/7/ 2020 prof. Associado II para Associado III**

<b>ATIVIDADES</b>	<b>PONTUAÇÃO</b>
ENSINO	220,00
EXTENSÃO	86,00
PESQUISA E PRODUÇÃO ACADÊMICA	114,00
ATIVIDADES ADMINISTRATIVAS	20,00
CAPACITAÇÃO PROFISSIONAL	15,00
TOTAL DE PONTOS	455

Em 2018, mesmo sem estar afastado das atividades acadêmicas, comecei a fazer meu segundo pós-doutorado, desta vez na Universidade Federal do Ceará, sob a supervisão do meu amigo Gerardo Vasconcelos, que havia sido meu orientador de doutorado. O tema escolhido estava embricado na afrodescendência e mitologia, tendo como título: **ANCESTRALIDADE AFRO-BRASILEIRA: SENSUALIDADE & SEXUALIDADE.**

Talvez tenha sido um dos momentos difíceis da minha vida, pois em um exame periódico que regularmente faço recebi o diagnóstico de câncer de mama.

## Foto 24: Diagnóstico da CAM (Clínica de Assistência a Mulher) para cirurgia na Fundação José Silveira.

<p>Sistema de Gestão de Qualidade certificado conforme Norma ISO 9001:2008</p> <p><b>Paciente:</b> EMANUEL LUIS ROQUE SOARES <b>Convenio:</b> SULAMERICANA APART EMPRESARIAL <b>Médico:</b> DR. CARLOS OLIVEIRA ARCHANJO DOS SANTOS <b>Procedência/RECEPÇÃO:</b> 1000 <b>Idade:</b> 58 Anos, 3 Meses e 24 Dias <b>Received em:</b> 05/04/2018 09:46:22 <b>Material:</b> Mastectomia radical à direita / Linfonodos.</p>	<p><b>LABORATÓRIO</b> <b>JOSÉ SILVEIRA</b> Sociedade</p>
<hr/>	
<p><b>DIAGNÓSTICOS:</b></p> <p>Mama direita, mastectomia: CARCINOMA INVASIVO (SEM TIPO ESPECIAL). Tamanho: 4,5 cm. Invasão vascular não detectada. Formação tubular: 3. Grau nuclear: 3. Indice de Sistème 3. Grado final de Scarff-Bloom – Richardson modificado por Elston – Ellis: 9 pontos (Grau 3). Infiltrado inflamatório monomórfico moderado. MARGENS CIRÚRGICAS LIVRES (MENOR MARGEM PROFUNDA, MEDINDO 0,1 cm). PELE LIVRE DE NEOPLASIA. MAMÍLO LIVRE DE NEOPLASIA.</p> <p>Linfonodos axilares: METASTASE DE CARCINOMA PARA 1 DE 23 LINFONODOS ENCONTRADOS. Estadiamento patológico (AJCC - 2017): pT2, pN1.</p> <p><b>Referências:</b> 1) Hoda SA et al. Rosan's Breast Pathology, 4<sup>a</sup> edição. 2014. 2) Lakhan SR et al. Who Classification of Tumours of the Breast 2012.</p>	
<p>Dra. Andreia de Oliveira Grael Cremeb 10.227</p> <p>Dra. Carla Ribeiro L. Freitas Cremeb 10.222</p>	
<p>ROSEMEIRE LE Impresso em : 26/04/2018 11:50:47 Rtp. do Cremeb - BA-641 / Responsável: Técnico Dr. João Carlos Coelho Filho - CRM-Ba: 4023 Ladeira do Campo Santo, s/n - Federação - CEP: 40210-320 - Salvador / BA PABX: 71- 3504-5000 Home Page: www.fjs.org.br</p>	
<p><i>[Handwritten signatures]</i></p>	
<p>CÓPIA CONFERIDA COM O ORIGINAL</p>	

Fonte: Arquivo pessoal.

Estava eu em tratamento numa clínica genuinamente feminina, pois o câncer de mama atinge apenas a 0,1% de homens, na tortura de cirurgia, quimioterapia, radioterapia, atendimento psicológico, nutricional e fisioterápico e no meio dessa “tortura” lembrei-me de Epicuro, filósofo grego nascido em 341 a. C., que sempre pregou que para sermos felizes temos que nos aproximar do que gostamos e evitar contatos com o que não gostamos. A felicidade para ele era estar no Jardim na companhia de bons amigos.

Eu não podia estar “no Jardim”, poderia ficar junto de meus amigos nas leituras LARAIA, FOUCAULT, VERGER,

entre muitos outros autores e, então, decidi tocar a pesquisa, mesmo com entrevistas a distância e o apoio incondicional de minha adorável companheira Maria Aparecida. Terminei o pós-doutorado, para surpresa de muitos, escrevendo artigos sobre sexualidade e sensualidade, coisas que muito gosto, e, na época, ainda fiz palestras *online*.

### Foto 25: Certificado de palestra no Centro de Formação de Professores.



Fonte: Arquivo pessoal.

### SÉTIMO INTERSTÍCIO 09/07/2020 a 09/07/2022 - prof. Associado III para Associado IV

ATIVIDADES	PONTUAÇÃO
ENSINO	57,0
EXTENSÃO	-----
PESQUISA E PRODUÇÃO ACADÊMICA	155,0
ATIVIDADES ADMINISTRATIVAS	-----
CAPACITAÇÃO PROFISSIONAL	-----
<b>TOTAL DE PONTOS</b>	<b>212,0</b>

Em julho de 2021, decidi fazer um novo pós-doutoramento, e desta vez penso eu, com afastamento, uma vez que nos dois anteriores não havia viajado para as pesquisas, cursos de formação ou palestras, porém, neste período, a pandemia de Covid-19, que é uma infecção respiratória aguda causada pelo coronavírus SARS-CoV-3, não me deixou sair de casa. Dessa maneira, usei a minha experiência anterior e realizei a pesquisa a distância.

A pesquisa de estágio pós-doutoral foi realizada junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Identidades – PPGECI (UFRPE-FUNDAJ), sob a supervisão da Prof.<sup>a</sup> Dra. Denise Botelho da área Processos Educativos, Culturas e Diversidades, na Linha de Pesquisa 1 - Movimentos Sociais, Práticas Educativo-Culturais e Identidades do PPGECI e Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação, Raça, Gênero e Sexualidades Audre Lorde- GEPERGES Audre Lorde (NEAB-UFRPE).

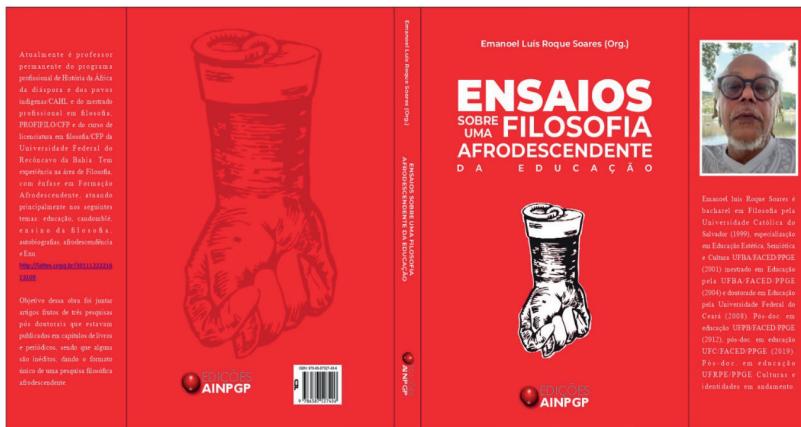
O momento da pandemia foi estressante, uma vez que não podíamos sair de casa, perdi os prazos, gerando um atraso na finalização da pesquisa.

**OITAVO INTERSTÍCIO 09/07/2022 a 09/07/2024 - prof. Associado IV para Titular**

ATIVIDADES	PONTUAÇÃO
ENSINO	138,00
EXTENSÃO	-----
PESQUISA E PRODUÇÃO ACADÊMICA	45,00
ATIVIDADES ADMINISTRATIVAS	75,00
CAPACITAÇÃO PROFISSIONAL	5,00
<b>TOTAL DE PONTOS</b>	<b>263,00</b>

Termino no início desse interstício o estágio pós-doutoral que tornou-se importante e responsável pela construção de um memorial de minhas pesquisas anteriores, que juntei em um só livro inicialmente no formato de ebook (para ser generoso com todos <https://ainpgp.org/publicacoes/ensaios-sobre-uma-filosofia-afrodescendente/>), e, só depois, publiquei a versão impressa.

Foto 26: Capa do livro



Fonte: Arquivo pessoal.

Também, nesse período, sou nomeado coordenador do Programa de pós-graduação em História da África Diáspora e Povos Indígenas, que praticamente na mesma época evoluiu do mestrado, adquirindo também o curso de doutorado. Agora o curso que havia sido construído por mim e meus colegas desde uma especialização chegara a seu ápice com o doutoramento. Também sou professor permanente do mestrado profissional de filosofia - PROFILO.

## REFERÊNCIAS

- BURKE, Peter. **Testemunha Ocular:** História e Imagem. Tradução Vera Maria Xavier dos Santos. São Paulo: EDUSC, 2004.
- DAGNINO, Evelina (Org.). **Anos 90:** Política e Sociedade no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- DURHAIN, Eunice. Movimentos Sociais: a Construção da Cidadania. **Novos Estudos CEBRAP**, n. 10, p.23-35,1984.
- FENTRESS, James; WICKHAM, Chris. **Memória Social:** Novas Perspectivas sobre o Passado. Tradução Telma Costa. Lisboa: Teorema, 1992.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia.** 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.
- MARX, Karl; ENGELS, Frederic. **A Ideologia Alemã.** Tradução José Carlos Brunni e Marco Aurélio Nogueira. 11. ed. São Paulo: HUCITEC, 1999.
- NASCIMENTO, Wanderson Flor. Prefacio In: HOUNTOND-JI, Paulin J. **Sobre a “Filosofia Africana”.** São Paulo: Ed. Zahar,p.09-23, 2024.
- SILVA, Maria Aparecida Lima. **Permanência e Pós-permanência no Ensino Superior:** um estudo sobre a vida universitária através do programa Conexões de Saberes. Dissertação (Mestrado) – Programa de pós-graduação em Estudos Interdisciplinares Sobre a Universidade, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.
- SOARES, Emanoel Luís Roque. **Coreografia do Filosofar.** Dissertação (Mestrado) –FACED, UFBA, Salvador, 2004.

SOARES, Emanoel Luís Roque. A importância do Diálogo como Método para o Ensino da Filosofia. In: OLINDA, Ercília Maria Braga (Org.). **Formação Humana e Dialogicidade em Paulo Freire**. Fortaleza: Editora UFC, 2006, p 28-41. (Coleção Diálogos Intempestivos, n. 29)

SOARES, Emanoel Luís Roque. Porque sempre fui um boçal. In: VASCONCELOS, José Gerardo; SOARES, Emanoel Luis Roque; CARNEIRO, Isabel Magda Said Pierre (Orgs.). **Entretantos: Diversidades na Pesquisa Educacional**. Fortaleza: Editora UFC, 2006, p 104-115. (Coleção Diálogos Intempestivos, n 33)

SOARES, Emanoel Luís Roque. **As Vinte e Uma Faces de Exu na Filosofia Afrodescendente da Educação: Imagens, Discursos e Narrativas Laroïê**. Tese (Doutorado) –FACED, UFC, Fortaleza, 2008.



ISBN: 978-65-87527-49-9

A standard linear barcode is displayed, representing the ISBN 9786587527499. The barcode is oriented vertically and is enclosed within a rectangular frame.

9 786587 527499